

Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens



Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura,
Leitura e Linguagens

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-069-8
DOI 10.22533/at.ed.698192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL /NÓS/ E /A GENTE/ NA FUNÇÃO DE SUJEITO	
Jocelia dos Santos Rodrigues Raquel Xavier Migueli	
DOI 10.22533/at.ed.6981925011	
CAPÍTULO 2	8
A CREDIBILIDADE EM PROPAGANDAS POLÍTICAS: UMA ANÁLISE MULTIMODAL	
Lirane Rossi Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.6981925012	
CAPÍTULO 3	24
A EROTIZAÇÃO NA POÉTICA DE GILKA MACHADO: A CRÍTICA DE ONTEM <i>VERSUS</i> A CRÍTICA DE HOJE	
Neivana Rolim de Lima Cássia Maria Bezerra do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.6981925013	
CAPÍTULO 4	34
A ESCRITA DO ALUNO SURDO: INTERFACE ENTRE A LIBRAS E A LÍNGUA PORTUGUESA	
Maiara Scherer Machado da Rosa Andrea Bernal Mazacotte Kelly Priscila Lóddo Cezar	
DOI 10.22533/at.ed.6981925014	
CAPÍTULO 5	46
A ESTRUTURA COMPOSICIONAL DAS SENTENÇAS JUDICIAIS DE PRONÚNCIA E CONDENATÓRIAS: PLANOS DE TEXTO E SEQUÊNCIAS TEXTUAIS	
Cláudia Cynara Costa de Souza Maria das Graças Soares Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.6981925015	
CAPÍTULO 6	59
A INTERFACE ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NO GÊNERO TEXTUAL TIRA EM QUADRINHOS	
Antonia Maria de Freitas Oliveira Francisca Fabiana da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6981925016	
CAPÍTULO 7	70
A LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DE <i>DON QUIXOTE DE LA MANCHA</i>	
Maria Cristina Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6981925017	
CAPÍTULO 8	81
A LEITURA LITERÁRIA COMO AUXÍLIO PEDAGÓGICO: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM FOCO	
Marcus Vinicius Sousa Correia Emanoel Cesar Pires de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.6981925018	

CAPÍTULO 9	89
A LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliane Travensoli Parise Cruz Vera Lúcia Martiniak	
DOI 10.22533/at.ed.6981925019	
CAPÍTULO 10	105
A MEDIAÇÃO DE LEITURA DE DONA BENTA EM <i>FÁBULAS</i> , DE MONTEIRO LOBATO	
Patrícia Aparecida Beraldo Romano	
DOI 10.22533/at.ed.69819250110	
CAPÍTULO 11	116
A NOÇÃO DE LIGAÇÃO NO <i>ATLAS DO CORPO E DA IMAGINAÇÃO</i> , DE GONÇALO M. TAVARES	
Alessandro Carvalho Sales	
DOI 10.22533/at.ed.69819250111	
CAPÍTULO 12	124
A Poesia Visual de Tchello d' Barros: uma proposta pedagógica	
Renata da Silva de Barcellos	
DOI 10.22533/at.ed.69819250112	
CAPÍTULO 13	141
A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA DO TRAUMA EM <i>HÁ VINTE ANOS</i> , LUZ DE ELSA OSORIO: SOB O OLHAR DA PERSONAGEM LUZ	
Margareth Torres de Alencar Costa Naira Suzane Soares Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.69819250113	
CAPÍTULO 14	154
A TRANSPOSIÇÃO DE ROMÉU E JULIETA PELA TURMA DA MÔNICA	
Tiago Marques Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.69819250114	
CAPÍTULO 15	165
A ÚLTIMA CANÇÃO DE BILBO: UMA VIAGEM PELO VERBAL E NÃO-VERBAL NA TERRA MÉDIA	
Renata Andreolla	
DOI 10.22533/at.ed.69819250115	
CAPÍTULO 16	179
ANÁLISE DOS CONTOS <i>A OUTRA MARGEM DO RIO</i> , DE GUIMARÃES ROSA, <i>E NAS ÁGUAS DO TEMPO</i> , DE MIA COUTO	
Regina Costa Nunes Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.69819250116	
CAPÍTULO 17	189
AS FALAS, SONS E SILÊNCIO EM <i>VASTAFALA</i> DE ANTONIO BARRETO ¹	
Janusa Guimarães Gomez	
DOI 10.22533/at.ed.69819250117	

CAPÍTULO 18	203
AS HQ'S NA ALFABETIZAÇÃO: QUAIS ESTRATÉGIAS AS CRIANÇAS UTILIZAM PARA ENTENDÊ-LA?	
Márcia Antônia Dias Catunda	
DOI 10.22533/at.ed.69819250118	
CAPÍTULO 19	212
AS VOZES NARRATIVAS EM BUSCA DE SUAS RAÍZES	
Denise Moreira Santana	
Wilton Barroso Filho	
DOI 10.22533/at.ed.69819250119	
CAPÍTULO 20	221
AS "NARRATIVAS BREVES" DE MARINA COLASANTI E A FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA PERSPECTIVA INTERTEXTUAL	
Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.69819250120	
CAPÍTULO 21	229
CONTAR E ENCONTRAR: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO CONTADOR DE HISTÓRIAS	
Eliandra Cardoso dos Santos Vendrame	
Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.69819250121	
CAPÍTULO 22	240
DE ISAURA PIANISTA AO HIP-HOP COMO PRODUÇÃO CULTURAL DA DIÁSPORA NEGRA: PROCESSOS DE COLONIALIDADE X DESCOLONIALIDADE	
Osalda Maria Pessoa	
DOI 10.22533/at.ed.69819250122	
SOBRE A ORGANIZADORA	254

AS FALAS, SONS E SILÊNCIO EM *VASTAFALA* DE ANTONIO BARRETO¹

Janusa Guimarães Gomez

Mestre em Linguística pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL). E-mail: janggomez@gmail.com

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

RESUMO: O presente artigo visa mostrar, a partir da análise estilística, como as diversas falas, os sons e o silêncio se manifestam nos poemas de Antônio Barreto em sua obra *Vastafala*. Pretendemos refletir como o uso, frequência e distribuição das palavras, podem reverberar fala, som e silêncio. Para isso, investigamos tanto o sentido denotativo que elas apresentam como também o figurado e a ideia que expressam, sem abandonar o efeito sonoro dessas palavras que aguça os sentidos. Ponderamos a respeito do silêncio que se revela na tessitura textual e na “vasta fala” que se apresenta a partir das vozes de outros poetas que Barreto agrega a seus poemas. Surgem, ainda, vozes que se incorporam nas homenagens prestadas em alguns de seus poemas que levam às notas ao final da obra. Os poemas utilizados, neste trabalho,

constituem parte do corpus para a dissertação de Mestrado desta pesquisadora. O projeto está ligado à Linha de Pesquisa Estudos Estilísticos: Discurso, Gramática e Estilo. As bases teóricas encontram-se especialmente em Martins (2012) que aponta para os estratos a serem verificados na análise estilística, Koch (2017), Bosi (2004) e Garcia (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Estilística discursivo-textual; *Vastafala*; Silêncio; Antônio Barreto.

INTRODUÇÃO

Em um poema o enunciador se revela, mas nem sempre essa revelação ocorre de forma direta na materialidade do texto. Muito embora escrever seja mostrar-se, é possível que o autor o faça utilizando as palavras de forma estratégica cabendo ao estudioso remover as camadas por meio de uma análise minuciosa, detalhada. Mas isso é para outros enfoques.

Antônio Barreto lançou em 1988 seu segundo livro de poemas intitulado *Vastafala*, que instiga o leitor à busca por essa fala que é vasta, abundante, intensa e que se revela em meio a outras vozes.

1. Este artigo foi publicado nos ANAIS do 7º SIL (Simpósio Internacional de Linguística), da UNICSUL. O evento ocorreu entre os dias 12 a 15 de setembro de 2017

Um texto pode expressar além do que está exposto na camada mais aparente de sua materialidade; desse modo, é possível inferir que além das vozes e sons o silêncio também se revela em *Vastafala*.

Pretendemos mostrar, a partir da análise estilística, como as diversas falas, sons, ruídos e vozes se revelam, de que forma esses elementos constroem e constituem o sentido nos poemas.

Há, ainda, na construção textual desta obra, a recorrência do silêncio que se mantém não apenas na não-fala, na não-resposta como também no sentido que as palavras expressam.

Fala, vozes, sons¹ e o silêncio surgem não somente nos poemas de *Vastafala* bem como nos elementos pré e pós textuais da obra, verificados respectivamente na abertura do livro e na seção notas, cabendo a ela as páginas finais.

Considerando *Vastafala* uma obra extensa, não caberia em um artigo esmiuçá-la poema a poema a fim de verificar os elementos mencionados, portanto, selecionamos dois: um de cada uma das grandes sessões do livro, as quais são chamadas livro primeiro e livro segundo, sendo iniciado por – “Revelações do abismo”, da qual elegemos o poema “Domingo no prédio de mim mesmo”² e o segundo, “Espantário”, sendo eleito “Poema de murmurar chorando”³.

Escolhemos os poemas que têm a presença de um enunciador (também chamado, neste artigo, de sujeito poético e eu lírico. Embora de campos teóricos diferentes, tratamos esses termos como sinônimos para evitar repetições) e também a indicação a outros escritores.

Em se tratando da menção a outros poetas, ela ocorre de duas formas, através da citação do dizer deste e a citação a seu nome pelo sujeito poético, seja no corpo do poema ou na dedicatória.

Neste estudo nomeamos a palavra ‘fala’ quando o eu lírico (sujeito poético) se expressa, e ‘vozes’ quando ocorre a citação de outra pessoa no poema, seja de forma direta ou indireta; consideramos essa distinção necessária a fim de propiciar melhor compreensão do texto ao leitor.

Este artigo contará com quatro seções, além da introdução e considerações finais, sendo que na primeira abordaremos as diversas vozes presentes na poética barretiana expressas na superestrutura, páginas iniciais com dedicatórias e notas. Na segunda, o enfoque será no estudo das falas e vozes que surgem na construção textual. Na terceira, apontaremos a ocorrência dos sons a partir do sentido denotativo da palavra e a expressividade sonora que surge pela aliteração e assonância dos fonemas; por fim, na última parte nosso olhar estará voltado para a questão do silêncio que persiste, apesar da abundância de vozes e falas.

1 A tríade falas, vozes e sons é utilizada para distinguir as diferentes formas de significar os ruídos captados pelo ouvido. Estabelecemos da seguinte forma: Fala, está relacionado ao que o sujeito poético diz. Vozes refere-se ao que é dito por outro, citado pelo sujeito poético e Sons indicam o fenômeno acústico.

2 Ambos os poemas seguem na íntegra nos anexos.

Este trabalho está fundamentado, especialmente, nos estudos de Koch (2017) que trata das questões de intertextualidade, Orlandi (2015) cujos estudos estão direcionados para o silêncio e os sentidos por ele manifestos, Martins (2012) que a partir dos estudos estilísticos aponta os estratos a serem verificados nesta análise e Bosi (2004) cujos estudos levam aos aspectos sonoros e silenciosos da palavra e, portanto, ao poema.

1 | SUPERESTRUTURA DA OBRA E NOTAS

Poderíamos comparar a superestrutura de uma obra a um mapa em que o leitor, ávido por informações e antecipações, pode prever o que irá encontrar a partir desse esquema deixado pelo autor.

O que encontramos em *Vastafala* pode confirmar essa hipótese. Há nessa estrutura o índice, a divisão da obra em dois grandes livros. Livro 1: revelações do Abismo e Livro 2: Espantário.

Essas duas grandes divisões estão subdivididas em seções, no primeiro livro elas são seis, a saber: I- Os frutos da Insônia, II- Memórias do ácido, III- revelações do Abismo, IV- O Orvalhado suor das Estrelas que sofriam de asma, V- Garganta Didática e VI- o Morto semiótico. No segundo, temos: 1- Sobre a mesa posta o espantalho das Trevas, 2- Além das palavras, 3- Prelúdio para Lili Brik ou de como Dalila, a louca, coloca na boca entreaberta do poeta a rosa mais venenosa de Brasília, 4- Em teu seio e 5- Metancantares.

As aberturas de cada uma dessas seções recebem nomes sugestivos antecipando ao enunciatário o que este poderá encontrar nas páginas seguintes; são vozes que comunicam, expressam e dialogam com o leitor.

Logo que abrimos as páginas de *Vastafala*, as vozes começam a manifestar-se sob a forma de dedicatória, dividida na página em três blocos, sendo o primeiro a dedicação a alguns poetas, feita da seguinte forma: “às memórias de” seguida da relação a: Carlos Drummond Andrade, Fritz Teixeira de Salles, Schubert Magalhães e Hélio Pellegrino.

Separados por um parágrafo, seguem outros nomes a quem o autor dedicou sua obra: João Batista Jorge, Henfil, Chico Mário, Ana C., Torquato e Cacaso.

Quanto ao segundo bloco Barreto utilizou a expressão: “Ao dois em um” *Missítaus DO ISSÁS*.. E, por fim, no terceiro, dedicou “aos amigos:”: José Macário de Assis, Jeferson de Andrade, Denise Modernel, Luiz Fernando Emediato e Silvia, Jaime Prado Gouvêa, Antônio César Drummond Amorim, Duílio Gomes, Oswaldo França Júnior, Jeter Neves, Paulo Regis Silva, José Alexandre Marino, Marco Túlio Costa, Sérgio Salles e Graça Sette. Os quais foram chamados de “parceiros, pela vida a fora”.

Embora tenha nomeado sua obra de “Vastafala”, notamos que essas “falas” não são apenas de Barreto. Ele compartilha com o leitor o que outros poetas/ amigos

falaram e falam. Despertando no leitor o interesse por essas “vozes” que “falam” pelo sujeito poético.

As falas e vozes não estão apenas na abertura da obra, antes que o livro encerre encontramos a seção notas . A elas foram dedicadas as páginas 123 a 126, com a epígrafe “CRÉDITOS e/ou AVERIGUAÇÕES INTERTEXTUAIS DO SUBCONSCIENTE COLETIVO & UM FINAL INFAME”³. A relação de notas cobre uma extensa lista com 35 indicações a nomes de poetas, amigos do autor e ilustradores (vide nota 17 da obra).

Algumas receberam tratamento pontual, como é o caso das notas: 32 “Para Mara Vanessa, que tem dado aulas de resistência e me ensinou que um poema pode ser falado”, relacionando à voz e fala, e a 13 “Para Sérgio e Suzana Nunes de Moraes, a forma e a cor, o poema e seu necessário silêncio estapafúrdio”, dando ao leitor a pista para as relações existentes entre som e silêncio acolhidos pelo Poema.

Por fim, as notas são finalizadas com a de número 35 que inicia com sete nomes e um lembrete: “esta vasta e inútil fala, também dedicada aos amigos” e lista 117 nomes concluindo com um pedido: “que também espero, não se calem nunca”.

Apesar do extenso rol de nomes citados pelo autor e das vozes e sons que surgem nos poemas inscritos na obra é possível perceber a presença do silêncio que também traz ao leitor uma mensagem, um significado. Som e silêncio convivem na materialidade do texto e embora opostos não agem de modo conflitante, mas complementares a fim de expressar sentido ao leitor.

2 | FALAS E VOZES

As falas e vozes em uma escrita apontam para a intertextualidade, que conforme Koch “compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/ recepção de um dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores” (2017, p. 51), mencionados de forma generosa em *Vastafala*.

Os dois poemas selecionados para esta análise apresentam dois aspectos, tanto a fala do sujeito quanto as vozes de outros apresentadas por citação e demais aspectos como segue:

No poema “Domingo no prédio de mim mesmo” há a referência a dois seres representados metaforicamente. O último verso “eles não param de cantar, **esses passarinhos...**” traz a inscrição numérica (7) que leva à seção de notas : “para Sol, que sumiu com a Lua, na Tijuca”.

“Sol” e “Lua” são grafados com as letras iniciais em maiúsculas. Segundo Martins “a maiúscula pode [...] sugerir uma personificação” (2012, p. 91). Ao relacionarmos essa informação ao poema, consideramos que “Sol” e “Lua” sejam uma metáfora a dois seres que, nesse poema, “falam”, ao menos ao eu lírico.

Ainda em “Domingo no prédio de mim mesmo” há a menção a duas personagens,
³Texto originalmente escrito em caixa alta, como consta em *Vastafala*.

o artista El Greco, ligado a uma obra de sua autoria (um quadro) e ao político Yasser Arafat.

Em “Poema de murmurar chorando” a referência a alguém está na dedicatória, grafada da seguinte forma: “*para Fritz Teixeira de Salles, que tinha a retórica das Najas*”. Talvez prevendo que o poema chegue a alguém que desconheça o homenageado ou tentando reforçar uma característica, o sujeito poético dá pistas que levam à compreensão do estilo de fala da pessoa citada, “que tinha a retórica das najas”.

O eu lírico poderia caracterizar essa voz de outras formas, mas escolheu *retórica* que, pode ser⁴ eloquência, oratória; e mais, essa *retórica* é das *najas*, um tipo de cobra. Nesse caso as expressões metafóricas indicam que a pessoa a quem o poema é dedicado tem uma fala eloquente, bem elaborada, uma retórica prudente e circunspecta.

A intertextualidade se mostra antes do poema com a citação de Drummond de Andrade, numa espécie de antecipação:

“ESCOLHE O TEU MELHOR SILÊNCIO

E

TUA MELHOR PALAVRA

OU

TEU MELHOR SILÊNCIO,

MESMO NO SILÊNCIO E COM O SILÊNCIO

DIALOGAMOS”

Nesse trecho temos, conforme Koch, a intertextualidade explícita, pois o sujeito poético, cita diretamente a fonte do texto alheio (2017, p.143).

Em ambas as referências, a citação de Drummond e a dedicatória a Fritz Teixeira de Salles, é possível perceber o duelo entre o som e o silêncio. No primeiro, são colocados ambos os aspectos som/silêncio dialogando com o propósito de significar. E, na segunda, a sabedoria em falar, pois a eloquência das palavras está ligada à capacidade de compreender o momento apropriado para falar ou calar, pois a retórica é, além do falar, saber se é tempo para isso.

3 | SONS

Considerando que a obra aponta a fala que é vasta, analisamos nesses dois poemas as ocorrências dos sons e fizemos de duas formas: atentando para o sentido da palavra e o expresso pelos fonemas.

Segundo Martins:

⁴Dicionário Aurélio 2010

A Estilística do som, também chamada fonostilística, trata dos valores expressivos de natureza sonora observáveis nas palavras e nos enunciados. Fonemas e prosodemas (acento, entonação, altura e ritmo) constituem um complexo sonoro de extraordinária importância na função emotiva e poética. (2012, p.44)

3.1 Sentido denotativo/ conotativo

Para investigar o sentido denotativo e conotativo das palavras empregadas nesses poemas, selecionamos aquelas que apresentam a aceção de som, vozes e falas bem como ruído, ou seja, a expressão do barulho expresso de diferentes formas.

Nos dois poemas, verificamos na seleção das palavras, por parte do autor, aquelas que indicam o que deseja expressar o sujeito poético, conforme Martins, a escolha de uma palavra vai além da simples significação, que é dada pelo dicionário, a escolha se dá pela possibilidade de atribuir sentido, que está ligado ao contexto. (2012, p. 98)

Considerando a sonoridade através das palavras, podemos citar do poema “Domingo no prédio de mim mesmo” aquelas que apontam para as vozes, “cantar”, sons, “alarma”, ruídos: “rugem”, “acelera”.

Quanto a “Poema de Murmurar chorando”, podemos extrair as palavras; “murmurar”, “chorando” (ambas do título), “retórica” (presente na dedicatória), “diz”, “palavra”, “falar”, “palavra insista” (não excluímos expressão), “canto” (do verbo cantar), “dialogar”, “solta na garganta”, “aberto o canto”.

Na abertura deste tópico, mencionamos palavras que expressam som por meio do sentido figurado, podemos citar do poema “domingo no prédio de mim mesmo” a palavra “cantar” vindo das personagens “passarinhos” que são na verdade, Sol e Lua, já referidos como pessoas identificadas de forma metafórica.

Em “Poema de murmurar chorando” a referência conotativa está na menção à fala de “Fritz Teixeira de Salles” que é descrita como “retórica das Najas”, portanto, um sentido figurado, que expressa uma fala singular, rica e objetiva.

3.2 Expressividade sonora apresentada pelos fonemas

Para Bosi, ao citar Saussure, “a linguagem humana é pensamento-som” (2004, p. 48), portanto, no poema o som tem primazia. Para Saussure, mencionado por Bosi, o signo pode “manter-se igual”, mas é possível que haja alterações, questões verificadas pelo contexto. A cerca desse assunto, Martins afirma:

Quando não há nenhuma correspondência entre o significante e o significado, os sons e a articulação da palavra têm expressividade zero, havendo então a “arbitrariedade” da palavra, conforme Saussure. Havendo alguma correspondência, há a “motivação sonora”, uma das propriedades da linguagem poética. No seu empenho pela motivação, os poetas acumulam em seus versos os fonemas mais próprios a pôr auditivamente em luz a ideia a exprimir (MARTINS 2012, p. 47)

Walter Porzig, citado por Martins, estabelece um modo de zerar o efeito fixo e casual do som linguístico em três aspectos, a saber, “imitação sonora”, efeito

verificado no uso das onomatopeias, a “transferência sonora”, que pode ser definida como “sugestão de impressões sensoriais não auditivas através dos sons linguísticos” e a “correspondência articulatória” em que se pode perceber a “correspondência entre os movimentos articulatórios da produção do som e a ideia que exprime” (2012, p. 47)

No poema “Domingo no prédio de mim mesmo” encontramos a transferência sonora nos versos:

“é impossível. Esses passarinhos...” – a repetição do fonema vocálico /i/ que indica estreitamento, aliado a aliteração de /s/ soma à expressividade e sons dos pássaros em seus gorjeios constantes.

“[...] um boi atolado no Pantanal Mato-grossense” – observamos que, segundo Martins, “as consoantes oclusivas, pelo seu traço explosivo momentâneo, prestam-se a reproduzir ruídos duros, secos, de batidas, pancadas, passos pesados” (2012, p. 54), portanto reforça a impressão do boi se movimentando para se desvencilhar da lama.

“[...] Yasser Arafat acelera seus motores [...]” observamos na leitura a junção, crase, do /r/ de Yasser com /Ara/ de Arafat, aliado a isso, a vibrante /r/ das palavras seguinte sugerem atrito e reforça a impressão sonora de motor ligado, vibrando.

O sentido é alcançado não apenas pela sonoridade obtida pelos fonemas, mas também pela escolha das palavras, pontuação, ou seja, o contexto. Todos os elementos utilizados colaboram para o sentido pretendido pelo enunciador.

Em virtude de “Poema de murmurar chorando” apresentar uma abordagem em que vozes, falas e sons se alinham para uma relação pareada, disputando espaço na significação, trataremos do embate ocorrido, neste poema, na seção que trata mais especificamente a questão do silêncio.

4 | O SILÊNCIO QUE SIGNIFICA

A análise da macro estrutura da obra bem como da dos dois poemas analisados neste artigo conduz à verificação do silêncio que é construído concomitante às falas e vozes. Para Orlandi (2015, p. 67): “o silêncio não se reduz a ausência de palavras. As palavras [...] são carregadas de silêncio”. O silêncio significa não pelo não-dizer simplesmente, mas enquanto atravessa as palavras.

Neste tópico abordaremos de que forma o silêncio surge e como é construído na obra de Antônio Barreto.

Segundo Orlandi, o silêncio, muitas vezes, ocorre por meio de “pistas”, de “traços” (2015, p. 46), assim começamos a investigação a partir desses elementos, que no poema “Domingo no prédio de mim mesmo” são observáveis nas reticências e parêntesis

A reticência, segundo Prandi, *apud* Orlandi (2015, p. 53), é assinalada como uma figura do silêncio, “especialmente textual”, relacionamos essa informação ao que Vitral aponta indicando que elas representam um momento de hesitação, de vazio

(2017, p. 90):

No verso dois: “É impossível. Esses passarinhos...”

Último verso: “Eles não param de cantar, esses passarinhos...”

As reticências indicam a pausa, ou interrupção do pensamento por parte do sujeito poético, motivada pela presença dos pássaros que cantam provocando a interrupção na fala do enunciador.

Além das reticências há os parêntesis como um traço da significação do silêncio. Segundo Bechara, eles podem ser entendidos como uma “pausa inconclusa”, por isso, imaginamos gerar, no leitor, a expectativa da continuação e, nesse momento, ocorre o vácuo, o espaço, e portanto, um momento de silêncio. A vista disso, relacionamos a afirmação de Bechara com o que Bosi afirma sobre a frase: que ela “não é um contínuo”, mas intercalada por pausas, e essas pausas são significativas, pois tanto o falar como o não-falar expressam, comunicam ao leitor (2004, p. 121).

No poema “Domingo no prédio de mim mesmo” os parêntesis, envolvem três versos que retratam a introspecção do sujeito poético:

“(Minhas costas ardem pelo sol da Barra

E Ouro Preto fica tonta na memória,

Enforca-se no ar, se encontra em Minas) ”

Orlandi afirma que o silêncio não fala, “ele é” (2015, p. 31), ou seja, sua presença no texto pode ser verificada de várias formas, ainda que sejam vestígios. É possível perceber o silêncio nos intervalos de fala pelo enunciador marcado pelas reticências como mostrado no tópico anterior.

Os parêntesis, nesse caso, além de representar uma pausa inconclusa, marcam uma enunciação que pode ser tanto uma observação como uma lembrança. O sujeito poético faz um comentário e não temos a certeza de que seja em voz alta, por isso, é possível que à sua volta permaneça o silêncio.

Há, também, a postura silenciosa por parte do enunciador que caminha à janela, desloca-se até a janela e, dali, passa a vislumbrar vários acontecimentos:

- *A arara que observa*; nesse instante os olhos do enunciador são direcionados para o lugar onde miram os olhos da arara e é quando se dá conta do boi atolado no Pantanal Mato-grossense.

- *A neve que cai*, leva-nos a uma percepção de que, naquele momento, a montanha, o Alpes, acolhe em silêncio as micropartículas de gelo que caem silenciosamente cobrindo sua superfície de gelo branco.

Essas ocorrências são amostras de silêncio em “Domingo no prédio de mim mesmo” que, contrastam com pássaros que não param de cantar, motores que aceleram, disputando espaço com o silêncio quebrando-o, situação que supomos não ser apreciada pelo eu lírico.

No “Poema de murmurar chorando” a relação do som e silêncio ocorre como um embate entre esses elementos que surgem um em relação ao outro; como se não fosse possível dissociá-los.

Há, nesse poema, um enfrentamento das falas e do silêncio, é possível notar o duelo por espaço na significação entre esses elementos: som e silêncio, diferente do que ocorre no “Domingo do prédio de mim mesmo” em que as duas relações são bem delimitadas.”.

Em “poema de murmurar chorando observemos os versos:

“a matéria do que se **diz** ou **cala**” – a conjunção **ou** surge entre o som e o silêncio, entre o dizer e o calar, como elementos alternados, não concomitantes, embora estabeleçam antítese o **ou** coordena orações alternativas, considerando a possibilidade de apenas uma das ocorrências entre o dizer e o calar.

“a menos que a **palavra** insista” – a expressão “a menos que” estabelece uma negativa. Segundo Garcia, essa expressão “liga orações que se opõem pelo sentido: se uma é negativa, a outra será afirmativa” (2011, p. 97), portanto, se não houver palavra, haverá silêncio.

“e arada dos **silêncios**

Tumularmente viva”

Na tortura

dos oradores”

Nesta estrofe, é notável que som e silêncio se enfrentam, pois, o silêncio surge como uma tarefa árdua, à semelhança do trabalho com a terra, em que é preciso arar para ser cultivada. Nesse verso, o sujeito poético faz a comparação do não-som, não-voz à lida de um agricultor que ara, prepara a terra, que pode ser o outro que irá receber a palavra ou o silêncio.

“Tortura dos oradores” nos leva a crer o quão difícil pode ser o falar, o dizer, portanto, é possível que o sujeito poético esteja inclinado ao cultivo do silêncio, mas há a coerção para o falar, quando trata de “tortura” ao referir-se aos oradores, ou seja, embora pareça fácil se expressar pela voz, ele é comparado a um ato de sofrimento por parte daquele que fala.

[...]

“no bico do canário censurado”

Nesse verso, podemos notar que há um canário que foi proibido de cantar, seu bico está fechado por imposição, a censura. Para essa questão do silêncio, recorreremos a Orlandi, que em seu livro “as formas do silêncio no movimento dos sentidos” (ORLANDI, 2015)

Orlandi relaciona pelo menos duas possibilidades de silêncio: “o fundante” conceituado como “aquele que torna a significação possível” (2015, p.102) e o imposto, ou seja, “a política do silêncio” a censura, “que dispõe sobre o dizer e o não-dizer” (2015, p. 102), isto é, “a censura estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que do dizível, não deve (não pode) ser dito

quando o sujeito fala” (2015, p. 77).

Tendo em vista que o silêncio sempre foi considerado como algo negativo, ele conserva um lado positivo, pois dá início, gera a significação, ainda que o aspecto negativo seja mantido.

O enunciador explica que o “canto” foi negado ao canário, ou seja, ele não pode dizer, expressar, e o que lhe resta é mencionado nos versos: “é só voar, voar”. Apesar de o pássaro estar com o bico fechado, calado, ainda lhe resta voar, permanece um traço que representa a liberdade, embora parte de si, “o bico”, esteja aprisionado pela censura.

Nesse poema, percebemos que o silêncio insiste em manter-se, e ele significa, dá sentido, não como algo que corta o som ou que seja cortado por ele, mas que sua existência refere sentidos, conforme Orlandi, “o silêncio não é o vazio, ou o sem-sentido é o indício de uma instância significativa” (2015, p. 68)

Buscamos a presença do silêncio nas construções dos dois poemas e, também, em toda a superestrutura da obra, lembrando que as seções do livro ora referem às vozes como em “revelações do abismo”, “garganta didática”, “além das palavras”, ora ao silêncio, verificados em “O morto semiótico”, “em teu seio”, “calar jara”, bem como as notas ao final da obra, mencionadas na introdução. Segundo Orlandi, “quando se trata do silêncio, nós não temos *marcas formais*, mas *pistas, traços*” (2015, p. 48), cabendo ao estudioso buscar por essas “pistas” e “traços”.

Diante dessas observações, podemos verificar em “Poema de murmurar chorando” que o silêncio é indicado pelas palavras “calar”, “mudez” e “silenciar” como ações da não-fala imposta, por isso inferimos que esse “murmurar chorando” indica que o silêncio, ainda que seja “fundante” aponta para o anseio de falar; embora seja o silêncio imposto que duela com o dizer pretendido pelo enunciador em “Domingo no prédio de mim mesmo”.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da análise a que nos propusemos, verificamos nos poemas a presença das vozes, como algo natural, espontâneo enquanto que o silêncio surge de duas formas:

Em “Domingo do prédio de mim mesmo” ele é buscado, pretendido pelo sujeito poético, diferente de “Poema de murmurar chorando” em que é possível perceber que o silêncio tenta se impor diante da palavra que “insiste”, ou seja, ambos surgem como a suplantar o outro.

O poema “Domingo do prédio de mim mesmo” apresenta-se como essencialmente descritivo e, como foi afirmado no percurso da análise, é iniciado e terminado com a presença dos “passarinhos” que “não param de cantar”.

A presença desses “passarinhos” que não são animais, mas “pessoas” apresentadas de forma metafórica. Eles cantam, e, esse “canto”, mexe com o eu

lírico, deixando-o fora de seu eixo, apontado pela expressão: “é impossível”. Diante disso inferimos que seja impossível refletir, pensar sobre os eventos que estão sendo assistidos da “janela”(outro elemento figurado que devido ao exíguo espaço de um artigo não foi possível aprofundar as considerações a respeito).

Ao passo que em “Poema de murmurar chorando”, temos, já na abertura, a citação de Drummond de Andrade que fala sobre a escolha entre diálogo e não diálogo e reforça ao dizer que “mesmo no silêncio, dialogamos”.

Orlandi reforça o que é dito por Drummond ao afirmar que “para dizer é preciso não-dizer” (2015, p. 24), ou seja, ainda que não falemos, o silêncio é capaz de “falar”.

Refletimos que até quando há intensidade de fala, da vasta fala, é observado um período de silêncio, que nenhuma voz é ininterrupta, elas não ocorrem simultâneas, não há fala sem fim, embora seja vasta. Há pausa para refletir, considerar e momento de ouvir. Há, na conversa, no diálogo, o momento de silêncio entre uma voz e outra, seja pelos turnos de fala ou para tomar fôlego, organizar as ideias.

O equilíbrio da fala, da *Vastafala* é exatamente experimentar instantes de silêncio, reflexão, observação ainda que haja vozes e falas em torno do sujeito poético, tanto no que está fora quanto no que ocorre dentro dele. E até nesses momentos, sem a voz audível, a fala interior permanece.

Finalizando essas reflexões, ponderamos que quando o sujeito se cala, por vontade de não falar, é bem quisto enquanto o silêncio imposto é preterido, rejeitado, surgindo então “a dor da ânsia de falar” visto em “Poema de murmurar chorando”, que pondera sobre o canário que teve o bico “censurado” ainda lhe restando uma fala, não percebida pelos ouvidos, mas revestida de asas, pois a ele não foi negado **o voar**.

ANEXOS:

“DOMINGO NO PRÉDIO DE MIM MESMO”

Eles não param de cantar.

É impossível. Esses passarinhos...

Os leões rugem na televisão. Vou até à janela

E o passo-preto dá o alarma: a geografia da sala
me cerca pelos flancos.

Uma arara observa de seus galhos os chifres
de um boi atolado no Pantanal Mato-grossense.

A neve cai sobre os Alpes num domingo,

Mas parece ser outono no quadro de El Greco,

(Minhas costas ardem pelo sol da Barra

E Ouro Preto fica tonta na memória,

Enforca-se no ar, se entorta em Minas)

Nuvens negras pairam sobre o cais. Yasser Arafat
acelera seus motores sobre um campo de treinamento.

A alma

Das pessoas muda de canal quando o programa do coração
É ruim. Tento abrir no meio da selva outros caminhos, mas
Eles não param de cantar, esses passarinhos...

“POEMA DE MURMURAR CHORANDO”

POEMA DE MURMURAR CHORANDO

Para Fritz Teixeira de Salles,

Que tinha a retórica das Najas

(I)

A matéria do que se diz ou cala
não se calcula em bala
ou se perfura e para
para não matá-la

A menos que a palavra traga
no seu dorso a dor da ânsia
de falar

À menos que a palavra insista
em se esquivar de si
no silenciar da aurora

Mais que dantes, agora
é breviário o canto
e tudo o que ele embala

Inda é necessário o encanto

da mudez do homem quando
lhe sai da alma ou caia
um pássaro de sua gaiola.

(II)

Mais de estar hoje, agora
ser a solidão dos homens
alguma coisa breve e rara

Que nos traga o outro, o vento,
mesmo em fúria e farto
de dialogar no sendo
dentro de seu quarto

Que a paisagem torta
e arada dos silêncios
tumularmente viva
na tortura

dos oradores

E o branco gesso ou lágrima
seja mais que alento:

liberdade

solta na garganta
da cidade

E aberto o canto
no bico do canário censurado
é só voar, voar
além de tudo que ficou negado

Porque a matéria do que se diz ou cala

não se calcula em bala

ou se perfura e para

para não matá-la

REFERÊNCIAS

BARRETO, A. **Vastafala**. São Paulo. Scipione. 1988

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009. 37ª. Edição.

BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo na Poesia**. São Paulo: Companhia das letras, 2004

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010

GARCIA, Othon. **Comunicação em Prosa Moderna**. São Paulo: FGV, 2011

GOLDSTEIN, N. **Versos, sons, ritmos**. São Paulo: Ática. 13ª. Ed. 2003

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Contexto, 2017.

MICHELETTI, G. **Repetição e Significado Poético**. Filologia e Linguística Portuguesa, n.1, p. 151-164, 1977

MARTINS, N. S. **Introdução à Estilística**. São Paulo: Edusp. 2012. 4ª. Edição

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**. São Paulo: UNICAMP, 4ª reimpressão. 2015

VITRAL, Lorenzo. **Gramática Inteligente do Português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-069-8

